

Anotações sobre o narrador midiaticado

Notes on the mediatized narrator

Demétrio de Azeredo Soster
deazederososter@academico.ufs.br

Professor-pesquisador do PPGCom e do
Departamento de Comunicação Social da
Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Resumo

O artigo atualiza e amplia reflexões em torno do conceito de narrador midiaticado. A hipótese central é que a processualidade da midiaticação, ao afetar as narrativas, acaba por interferir também em sua estrutura discursiva. Provoca, assim, a emergência do que estamos chamamos de narrador midiaticado, que sucede, em termos evolutivos, aos narradores modernos, de Benjamin (2012), e pós-moderno, de Santiago (2002). A abordagem é tipológica, ligada à natureza essencial do extrato narrativo, e topológica, relacionada ao lugar situacional que o narrador midiaticado é encontrado. Metodologicamente, com Ferreira (2013), propõe-se superar a epistemologia dos “objetos separados” e se buscar camadas mais profundas de significação. A reflexão será ilustrada com análise dos programas do youtube “Buenas Ideais” e “Porta dos Fundos”.

Palavras-chave: narrador, narrador midiaticado, narrativas, narrativas midiaticadas.

Abstract

The article updates reflections around the concept of mediatized narrator. The central hypothesis is that the processuality of mediatization, by affecting narratives, also ends up interfering in their discursive structure. It thus causes the emergence of what we call the mediatized narrator, which succeeds, in evolutionary terms, the modern narrator, by Benjamin (2012), and the post-modern narrator, by Santiago (2002). The approach is typological, linked to the essential nature of the narrative extract, and topological, related to the situational place in which the mediatized narrator is found. Methodologically, with Ferreira (2013), we propose to overcome the epistemology of “separate objects” and seek deeper layers of meaning. The reflection will be illustrated with an analysis of the YouTube programs “Buenas Ideales” and “Porta dos Fundos”.

Keywords: narrator, mediatized narrator, narratives, mediatized narratives.

O que nos move

Este artigo atualiza¹, e amplia, reflexões em torno do conceito de “narrador midiaticado”; ou seja, do excerto narrativo que sucede, em termos evolutivos, aos narradores “moderno”, de Benjamin (2012), e “pós-moderno”, de Santiago (2002), recorrentes nas discussões em torno do tema. Move-nos, como eixo central de nossa argumentação, o axioma que temos perseguido desde há muito (Soster, 2009), segundo o qual os dispositivos responsáveis por aquilo que chamamos, genericamente, de midiaticação² também são atingidos pela processualidade desta, midiaticando-se. Ao fazê-lo, reconfiguram-se, transformam-se, o que exige gramáticas específicas de interpretação. Assumimos desde agora, portanto, que a processualidade da midiaticação, ao afetar as narrativas,

acaba também por midiaticá-las; tornam-se, dessa forma, narrativas midiaticadas.

A midiaticação das narrativas pode ser observada, por exemplo, por meio das complexificações que sua processualidade provoca no conceito de narrador, derivado originalmente da teoria literária, e apropriado, posteriormente, pela comunicação; nela, o jornalismo: mais que “uma entidade ficcional que relata uma história” (Reis, 2018, p. 287), narrador será aqui compreendido como dispositivo da discursividade midiática³:

[...] no contexto da abertura dos estudos narrativos a disciplinas, a atitudes epistemológicas, a práticas narrativas e a contextos comunicativos que estão para além do campo literário e duma postulação tendencialmente personalista do narrador, justifica-se que ele seja reequacionado do ponto de vista conceitual. [...] Num

¹ Versão seminal deste artigo foi apresentada no 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em 2023 na Universidade de Brasília (UnB), com o título “Notas sobre o narrador midiaticado”. O texto pode ser acessado nos anais do evento: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/notas-sobre-o-narrador-midiaticado?lang=pt-br> Este artigo traz consigo as reflexões e atualizações realizadas em torno do conceito de narrador midiaticado desde então.

² Por economia de espaço, e para não desviarmos o foco da atenção; considerando, ainda, que a midiaticação opera como uma espécie de eixo

epistemológico de nossos esforços de pesquisa desde o doutoramento, pelo menos, sugerimos, para uma melhor compreensão do fenômeno, caso necessário, ainda, leitura do artigo Rumo a uma teoria da midiaticação: exercício conceitual e metodológico de sistematização, de Luis Mauro Sá Martino. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/77889>. Acesso em: 07 fev. 2025.

³ Discursividade midiática, com Verón (2013), são os sentidos que emergem de complexas construções simbólicas decorrentes da relação entre dispositivos, agentes e contexto cultural.

outro plano, mas com consequências semelhantes, as análises que os estudos narrativos consagram, em contextos midiáticos não literários, a narrativas não-verbais, verbo-icônicas e eletrônicas, obrigam a reconsiderar a questão do narrador. (Reis, p. 290-291, 2018).

Considerá-lo nessa perspectiva, midiaticizada, exige, portanto, significativo esforço de transposição conceitual: de um lado, temos elementos da estrutura discursiva narrativa – os narradores moderno e pós-moderno – que se estabelecem, genealogicamente, nas fases moderna e pós-moderna da sociedade, ou, se preferirmos, em um tempo de mundo analógico, próprio da sociedade dos meios, pré-internet. Inserem-se, portanto, do ponto de vista sócio-discursivo-evolutivo, entre os períodos que Marcondes Filho (2000) categorizou como as duas primeiras grandes revoluções das tecnologias em sua relação com a comunicação: 1850, com a invenção da rotativa, e 1970, com a informatização, que, no Brasil, ocorreria dez anos mais tarde. Bem por isso, estes modelos narrativos são usualmente associados a dispositivos como os livros, os jornais e revistas impressos, e, posteriormente, às televisões e às rádios, para ficarmos nos principais.

Já o narrador midiaticizado pode ser compreendido, nesta perspectiva, como um narrador cuja existência se estabelece, igualmente, nestes dispositivos, mas assentado em uma estrutura rizomática, portanto em rede. Ele passa a existir como tal, como sugerimos acima, quando a internet passa a operar em escala comercial – no Brasil, nos anos 90; no mundo, dez anos antes. Torna-se mais visível por meio dos relatos jornalísticos quando estes se reconfiguram, uma vez mais, pela processualidade da midiaticização, midiaticizando-se (Soster, 2009; 2008). Pontualmente falando, a partir do momento em que o jornalismo começa a dialogar com a internet – em 1995, no Brasil, com as primeiras transposições; no mundo, igualmente, dez anos antes. Denominamos este fenômeno, ou seja, a midiaticização do jornalismo, inicialmente no diálogo com Marcondes Filho (2000); depois, a partir da nomenclatura de Bruce Mazlich (1995), de a “terceira descontinuidade do jornalismo”⁴ (Soster, 2008), cuja face mais visível é a criação da categoria “jornalismo midiaticizado”, que requer, igualmente, fechamento conceitual:

Chamaremos de jornalismo midiaticizado o jornalismo que se estabelece a partir do momento em que a sociedade se midiaticiza, porque assentada em uma base de natureza sociotécnica e discursiva, cujas origens são antigas, mas mais visivelmente perceptíveis a partir da digitalização, na década de 70, e da internet, na década de 90, no Brasil, e dez anos antes no mundo. Tem-se com mais incidência, a partir destes dois momentos, a instauração de uma nova ambientação; um momento em que a sociedade, para ser compreendida, precisa ser pensada enquanto tal junto com os dispositivos que até bem pouco tempo serviram de suporte para que

esta mesma sociedade atingisse seus objetivos. Ou seja, eles não são mais apenas instrumentos de uso em uma perspectiva de midiaticização: eles são a sociedade, que não funciona sem eles. E, se isso ocorre com a sociedade, ocorre também com o jornalismo. (Soster, 2008).

É dizer, de outro modo, que o narrador midiaticizado é um narrador que, para ser reconhecido como tal, necessita de uma estrutura em rede. Descreveremos suas características mais adiante; por hora, cumpre dizer que delimitamos sua existência, e a dos demais níveis narrativos, a um tempo, na perspectiva tipológica, ligada à sua natureza essencial, enquanto que, de outro, do ponto de vista topológico, afeito ao lugar que ocupam na topografia da discursividade midiática.

Pensá-los topologicamente, ou em “em essência”, é o equivalente a compreender sua razão primeira de ser, o que o torna “midiaticizado”. Vamos nos referir, em relação a estes casos, doravante, aos narradores modernos, pós-modernos e midiaticizados. Topologicamente, ou seja, sobre o lugar situacional que ele ocupa na discursividade midiática; as nomenclaturas utilizadas, conforme veremos adiante, serão primeiro, segundo, terceiro e quarto narradores (Soster, 2019, 2022a, 2022b).

Dito isso, e antes de prosseguirmos, é preciso, ainda, algumas palavras sobre o instrumental metodológico que utilizaremos no percurso. Com Ferreira (2013), propomos, desde agora, uma vez mais (Soster, 2022a e 2022b), superar a epistemologia dos “objetos separados” e buscarmos camadas mais profundas de significação, uma imperiosidade quando o assunto é observar como a processualidade da midiaticização age por pelo menos dois motivos, a saber:

Primeiro, porque investigar a comunicação em sociedades midiaticizadas requer a superação dos objetos separados, base de outras constituições epistemológicas (teorias sociais, da linguagem e informacionais-cibernéticas). Segundo, porque deve compreender a circulação. Na circulação, o objeto é singular, na medida em que imerso numa configuração própria ao caso, conexão imprevista de códigos, estruturas e sistemas em interação, mobilizados pelas posições cambiantes entre produção e recepção, colocando em xeque posições históricas construídas. (Ferreira, 2013, p. 76).

A superação a que nos referimos se dá por meio da ruptura com os modelos comunicacionais analíticos ainda vigentes, de matizes hegemonicamente funcionalistas, mas, também, considerando que este movimento se integra em uma nova problemática, que chamamos de “circulação” e que requer alguns comentários, ainda.

Em artigo seminal à Revista Rizoma, Fausto Neto (2018) propõe uma espécie de “rota conceitual” por meio da qual se pode compreender, com mais propriedade, tanto o que significa o conceito de circulação como o percurso que este realizou,

segunda descontinuidade ficou sob responsabilidade de Darwin, que, ao estabelecer a teoria da evolução, destruiu o lugar supostamente privilegiado que o homem ocupava na criação do universo. A terceira descontinuidade seria instaurada pelo próprio Freud, por meio da psicanálise, à medida que esta procura demonstrar que o ego não é sequer o dono de si, e deve se contentar com uma escassa informação a respeito do que ocorre na mente humana”. (Soster, 2009, p. 42-43). A quarta descontinuidade seria a integração homem-máquina, nos moldes que estamos vivendo atualmente.

⁴ A expressão “descontinuidade” foi inspirada na categorização que Bruce Mazlich (1995), um historiador, que, valendo-se das palavras de Sigmund Freud e do psicólogo norte-americano Jerome Bruner, utilizou-a para se referir à forma como o ser humano se percebe no mundo. Neste sentido: “A primeira grande descontinuidade, – e aqui Mazlich se vale de um exemplo citado por Freud durante uma série de conferências realizadas por este na Universidade de Viena entre os anos de 1915 e 1917 –, contra o “amor próprio” dos homens foi dado por Copérnico, ao dizer que a terra não era o centro do universo, mas apenas um ponto minúsculo deste. A

desde há 40 anos, pelo menos, até se posicionar como possível chave-hermenêutica para compreender problemáticas como a que estamos discutindo neste artigo. Retomando os esforços de pesquisa de Eliseo Verón e outros, Fausto Neto (2018) analisa o fenômeno da midiaticização por meio de quatro abordagens: a) como diferença; b) como articulação; c) como apropriação; e, finalmente, d) como interface/acoplamento.

Reconhece-se, assim, inicialmente, a a) circulação como diferença em sua relação com os pólos de produção (emissão) e reconhecimento (recepção). Dito de outra forma, ao se subsumir uma instância entre um ponto e outro também se está observando uma gramática, aqui compreendida como processo de produção discursiva, portanto de sentidos, diferenciadora.

Em um segundo momento, os estudos de Eliseo Verón apontavam para b) a circulação como elemento de articulação entre a produção e o reconhecimento. Note-se, até aqui, que tanto a perspectiva da a) diferença como da b) articulação não superam os modelos funcionalistas vigentes até bem pouco, porque eram assentados sobre perspectivas transmissoriais.

É a partir do momento em que a circulação começa a ser pensada como c) apropriação, e, posteriormente, como d) interface/acoplamento que se verifica uma mudança significativa de estatuto no conceito. No primeiro caso, a circulação passa a ser pensada interdiscursivamente, ou seja, como local de produção de sentidos, o que se alcança observando-se sua materialidade discursiva. No segundo, agora como d) interface/acoplamento, pensamos a circulação como lugar, ou mesmo ambiência, no diálogo com Sodrê (2009) e Gomes (2017).

O conceito de acoplamento, transposto da teoria dos sistemas (Luhmann, 2009); ou seja, de um ambiente que emerge da relação entre ambientes distintos, é fundamental para esta compreensão por pelo menos três motivos:

1) O crescimento de meios operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional, [que] tipicamente produz efeitos radiais, em todas as direções, afetando de diferentes formas e com diferentes intensidades todo os níveis da sociedade" [...] 2) O caráter radial e transversal dos efeitos produzidos é resultado de sua natureza sistêmica, implicando em uma enorme rede de relações de retroalimentação [...] 3) Da aceleração do tempo histórico [causada pelas duas questões anteriores], resulta que nos [...] últimos dez anos a internet alterou a condição de acesso ao conhecimento científico, dado, instituições e pessoas [...] (VERÓN, 2014, p. 16-17). Estes acessos, e seus circuitos, apontam para existência de uma teia de interações que, praticamente, tiram de cena dispositivos de controle e de outras formas de regulações sobre o trabalho de produção de sentidos, uma vez que este se organiza em torno de múltiplos feedbacks afastados de noções do equilíbrio. (Fausto Neto, p. 26-27, 2018).

É dizer, por outras palavras, que propomos observar, neste artigo, como a processualidade da midiaticização provoca a emergência deste que estamos chamando de “narrador midiaticizado” e como podemos identificá-lo por meio de suas pistas discursivas deixados nas superfícies dos relatos analisados. Pensando com Fausto Neto (2010), ainda que não tenha se referido, em sua análise, a este contexto em específico, é por meio da observância dos processos enunciativos, aqui compreendidos tanto como a) matéria significante (as pistas discursivas), mas, também, b) como aqueles que organiza procedimentos de práticas enunciativas de caráter midiático,

que se pode alcançar compreensões como a que nos propomos aqui:

Há duas dimensões de estratégias: na primeira, a enunciação engendra discursos, dando-lhes existência; na segunda, o discurso, ao ser convertido numa espécie de ‘discurso paciente’, é transformado em objeto de análise de um outro trabalho enunciativo, que é o de caráter metodológico. Deparados por temporalidades e práticas distintas, ambos têm na atividade enunciativa uma espécie de elo de contato, que é o trabalho de constituir as discursividades, bem como de analisar e produzir efeitos sobre suas manifestações. (Fausto Neto, 2010, p. 14).

Modelos narrativos identificados

Para fins de delimitação conceitual, portanto, e considerando a perspectiva tipológica, encontraremos, a partir de Benjamin (2012), Santiago (2022) e Soster (2018, 2019; 2022a; 2022b), três modelos narrativos identificados (moderno, pós-moderno e midiaticizado), sejam eles jornalísticos ou não. O narrador moderno, de Benjamin (2012), é o narrador “tradicional”; aquele que conta a história. Ao fazê-lo, não apenas relata o que viveu como procura ensinar alguma coisa; traz, consigo, portanto, a noção de moral ligada ao autoconhecimento e à transcendência.

Já o narrador pós-moderno, de Santiago (2022), é o narrador distante, que narra “da plateia”; acima de tudo, sem ser necessariamente atuante. Tem preocupações de ordem moral, mas não as que ele viveu. Trata-se de um narrador que não se imiscui, ou pelo menos que procura não se imiscuir, no narrado. Sua visada é panorâmica, a um tempo vertical e horizontal; sua narrativa adquire sentido a partir de um vivido que ele não viveu, mas que narra como se tivesse sido protagonista. São narradores assim os jornalistas em seus esforços de reportagem, por exemplo, notadamente os que trabalham reportagens em profundidade, salvo raras exceções.

O narrador midiaticizado, que nos interessa especificamente, é um narrador ora transcendente, ora distante, ora explícito, ora “escondido”, falando em primeira pessoa, ou de maneira impessoal, como se não participasse da cena, trata-se, aqui, da soma complementar dos narradores anteriores. Ou seja, não é moderno e nem pós-moderno, mas, antes, o que emerge das duas condições, em uma perspectiva dialética. Só é possível pensá-lo relacionamente, ou seja, no diálogo com dispositivos tecnológicos e em rede, por isso dizemos que é “midiaticizado”.

Personifica-se, o narrador midiaticizado, partir de fenômenos midiáticos, nos moldes de Verón (2013); dito de outra forma, a partir do momento em que os sentidos adquirem autonomia e persistência, condição para a geração de historicidade. Materializa-se, portanto, o narrador midiaticizado, no plano da discursividade midiática por meio dos sentidos que emergem das múltiplas e constantes semioses que são geradas na relação entre dispositivos e a sociedade se realizando. Trata-se de um narrador de personalidade difusa, mutante, multifacetado e plurivocal, que existe processualmente; ou seja, em movimento. Pensá-lo como um lugar situacional, ainda que eventualmente o localize topologicamente, não o define; apenas sugere sua presença no momento mesmo da análise.

Sob outro ângulo, agora do ponto de vista topológico, ou seja, do lugar ocupado pelos narradores, e suas vozes, já o dissemos em outros momentos (Soster, 2019; 2022a; 2022b),

são em número de quatro os extratos narrativos a serem considerados: primeiro, segundo, terceiro e quarto narradores. Os três primeiros extratos são narradores que existem no âmbito da processualidade interna dos dispositivos e suas relações; compreendê-los exige que prestemos atenção particularmente na instância de produção/emissão. É dizer, em palavras mais simples, que os primeiros, segundo e terceiro narradores ocupam lugares situacionais “fixos” – um jornal impresso, uma revista semanal de informação, um programa de televisão, um site noticioso, um livro por exemplo.

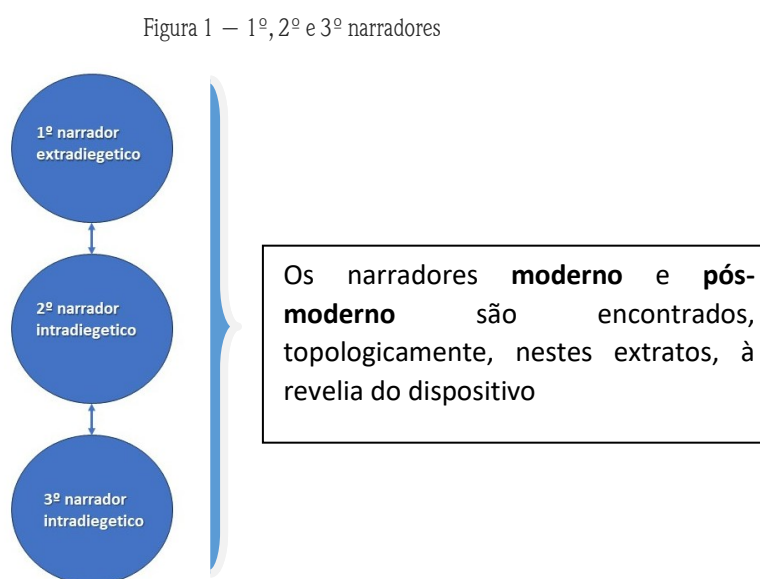
O quarto narrador, por sua vez, é o sistema quando ele se personifica como tal. Ou seja, existe a) a partir das operações de seus dispositivos; b) na relação que estes estabelecem com o meio em que se inserem (não se pode pensar em dispositivo sem considerar o meio); e, finalmente, c) na relação que os dispositivos estabelecem entre si, por meio de processos de acoplamento e co-referenciação. Concebê-lo, dessa forma, implica subsumir que, em determinadas condições de enunciação, os dispositivos que integram o sistema midiático-comunicacional realizam uma espécie de alinhamento temático por meio do qual o sistema adquire 1) identidade e 2) diferença.

Dito e outra forma, quando isso ocorre, torna-se possível reconhecê-lo como tal à medida que, ao fazê-lo, distingue-se dos

demais sistemas, gerando, nas palavras de Bateson (2000) inspirador de Luhmann (2009), “diferenças que geram diferenças”. É por isso que podemos afirmar, com alguma segurança, que estaremos diante do sistema midiático quando a) tomarmos o conceito de media/mídia como sinônimo de dispositivo jornalístico, b) quando nos referirmos à discursividade midiática, ou seja, à internet, e, finalmente, c) quando ofertas de sentido tematicamente semelhante emergem de suas processualidades internas.

Feita a digressão, importa salientar que, mesmo o narrador midiático não se confundindo com o quarto narrador, pois este é, já o dissemos, uma processualidade, enquanto aquele, um lugar situacional da discursividade midiática, seu ambiente é, igualmente, a internet, um lugar marcado por interposições e atravessamentos provocados pelo trânsito de fluxos informacionais. A delimitação talvez fique mais clara se observarmos graficamente, com todas as limitações que este modelo impõe, e a partir de modelo que temos utilizado de forma recorrente, como isso se dá.

Partindo-se na visada topológica, inicialmente com Genette (1988), na literatura, e depois com Motta (2013), no jornalismo, vamos encontrar, portanto, os três primeiros níveis narrativos projetados da seguinte forma (Figura 1):



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Para uma melhor compreensão, vamos imaginar o dispositivo jornal impresso. O primeiro narrador, que é extradiegético, ou seja, existe “do lado de fora” da história narrada, é a organização, personificada na forma de seus proprietários e editores. Dizemos que está do “lado de fora” porque sua presença não é facilmente identificada, apesar de existir: personifica-se na escolha da manchete, no conteúdo dos editoriais, nos critérios de noticiabilidade e valores notícia que conduzem a angulação da publicação etc. Eventualmente, pode haver alguma referência a seu nome do expediente do veículo, por exemplo, mas seu estado “natural” é estar oculto. Possui ascendência sobre o 2º e 3º narradores.

O segundo narrador está “dentro” da história; é, portanto, intradiegetico. Partindo-se do exemplo proposto acima – um jornal impresso, ele é personificado pelos repórteres, fotógrafos, diagramadores etc. Ou seja, por todos aqueles que “produzem conteúdo editorial”. Suas escolhas não são aleatórias, sempre dialogam com as orientações do primeiro narrador, seja de forma explícita ou internalizada. É nesta instância que se visibiliza com mais clareza, por exemplo, o narrador pós-moderno; aquele que tudo vê, tudo sabe e tudo descreve sem, no entanto, necessariamente se colocar explicitamente na cena, por meio de esforços de reportagens, por exemplo. O narrador moderno, tão presente como disposto a ensinar alguma coisa, também se localiza neste segundo extrato, mas é mais

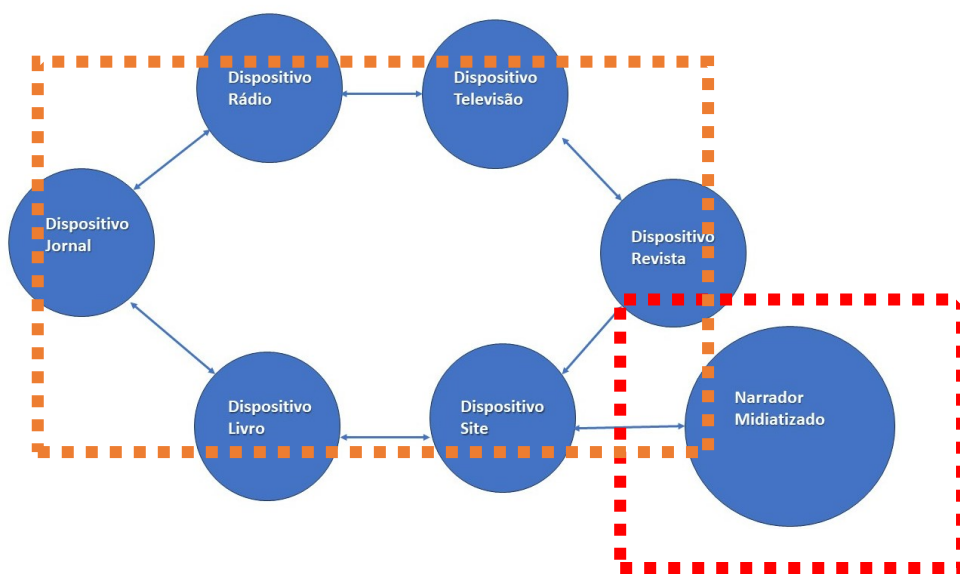
facilmente encontrado em dispositivos cuja periodicidade é mais lenta, caso dos livros e das revistas semanais, ou mesmo mensais, conforme defendemos em outro momento⁵.

Quando ao terceiro narrador, encontrado igualmente na parte interna da narrativa; é, portanto, intradieético, ele nasce das escolhas do 2º narrador. São as fontes, ou personagens, por meio das quais as narrativas são corroboradas (no caso das fontes) ou estruturadas (no caso dos personagens). Pensar este extrato narrativo, na relação com os 1º e 2º narradores, tem a

ver com subsumir que o processo produtivo de um dispositivo jornalístico, à revelia de sua natureza, é marcado antes por complexidades que linearidades. Ou seja, considerar que, mesmo havendo uma espécie de hierarquia discursiva entre um extrato e outro, as afetações são recíprocas. Dito de outra forma, a escolha por uma determinada fonte, por exemplo, afeta tanto quem escolheu como quem foi escolhido, relacionalmente.

Com o quarto narrador algo ligeiramente distinto se verifica, como vemos na Figura 2.

Figura 2 — Quarto extrato narrativo



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Os círculos azuis ligados por setas e por linha pontilhada laranja, e que contém dispositivos, são o que estamos chamando de quarto narrador; neste caso, o sistema midiático no que ele tem de jornalístico. Por ser uma processualidade, começamos afirmando que o quarto narrador se personifica como tal quando algum acontecimento – “autorizado” (um grande evento já previsto, caso de uma posse presidencial, por exemplo) ou “não-autorizado” (uma catástrofe ambiental, um acidente de grandes proporções etc.) “irrita” o sistema midiático e os dispositivos que dele fazem parte absorvem esta irritação transformando-a em informação. No gráfico acima, quando isso ocorre, os dispositivos jornal, rádio, televisão, revista e site, principalmente, uma vez tendo absorvido a irritação, após complexas operações internas, transformam-na em informação e realizam novas ofertas de sentido.

Quanto estas ofertas de sentido são alinhadas tematicamente às dos demais dispositivos, o que pode ser percebido por meio de pistas discursivas – manchetes, linhas de apoio, chamadas, imagens etc. – deixadas na superfície de seus

relatos, mesmo que, dentre elas, haja narrativas dissonantes, estamos diante do quarto narrador. Não nos demoraremos mais nesta remissão, por fugir do escopo de nosso propósito; ilustremos, no lugar disso, por meio de exemplos, como o narrador midiaticizado se manifesta na discursividade midiática.

“Porta dos Fundos” & “Buenas ideias”

Ilustraremos nossa reflexão por meio de excertos dos programas “Porta dos Fundos”⁶ e “Buenas Ideas”⁷, que são veiculados semanalmente na plataforma Youtube. Trata-se, de um lado – Porta dos Fundos, de um programa de entretenimento; de outro – Buenas Ideas, de um canal de natureza jornalística midiaticizada, ou seja, reconfigurado discursivamente. “Porta dos Fundos” é um coletivo de humoristas brasileiros fundado em 2012 e que produz conteúdo de humor para a internet. Não possui linearidade temática; seu conteúdo dialoga usualmente com o que está em discussão no sistema midiático no momento da veiculação –

⁵ Para saber mais, sugerimos o artigo “Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que geram diferenças”, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-1142-2.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.

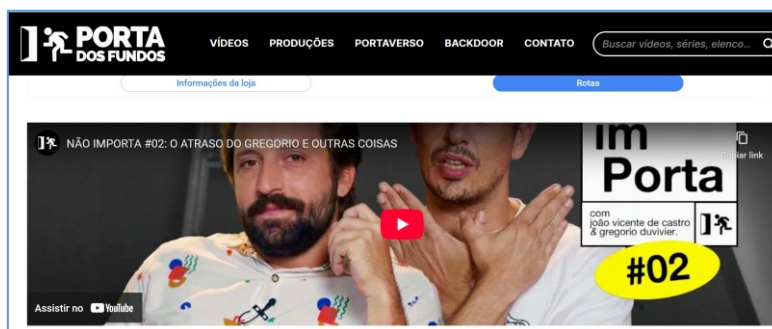
⁶ <https://portadosfundos.com.br/>.

⁷ <https://www.youtube.com/@BuenasIdeias/about>

economia, política, segurança etc. Já o “Buenas Ideias” é protagonizado pelo jornalista e escritor gaúcho Eduardo Bueno⁸ e sua temática central é a história do Brasil. Do ponto de vista na teoria do jornalismo, no diálogo com Assis e Melo (2010), seu conteúdo oscila entre os gêneros informativo, opinativos, interpretativo e diversional.

Do ponto de vista formal, “Porta dos Fundos” é composto de esquetes; ou seja, peças curtas. Já nos programas do “Buenas Ideias” a apresentação é protagonizada invariavelmente por Eduardo Bueno, como se fosse um apresentador de televisão. Em comum, os programas são marcados pelo humor, sarcasmo e ironia.

Figura 3 — Programa Icônico



Fonte: <https://portadosfundos.com.br/>.

Figura 4 — Canal Buenas Ideias



Fonte: <https://www.youtube.com/@BuenasIdeias/about>.

Ainda que, de um lado, no primeiro caso – “Porta dos Fundos”, tenhamos duas dezenas de narradores no elenco; e no segundo, “Buenas Ideias”, o protagonismo seja de apenas de um narrador, identificamos, em todos eles, as características que nos permitem afirmar que são narradores midiaticizados. Vejamos cada uma destas características individualmente.

Conectados em plataformas: a primeira evidência que se trata de narradores midiaticizados é o fato de seus relatos estarem estruturados em plataformas; neste caso, o Youtube; portanto, conectados. A condição “conectado em plataformas” amplia o alcance de sua voz para dimensões significativas, se comparado com dispositivos tradicionais, mas também traz consigo exigências, conforme alerta Recuero (2024), ainda que em outro contexto, quanto à audiência: “O conteúdo não circula se não houver uma ação efetiva dos usuários atuando junto aos algoritmos de visualização” (Recuero, 2024, p. 58). E é por isso, em uma livre interpretação, que a tonalidade utilizada pelos narradores midiaticizados, é, via de regra, o deboche, a ironia e o

sarcasmo; raramente uma postura “séria”, porque provocam adesões da ordem das dezenas de milhares de likes.

Somas complementares: outra evidência de que estamos tratando de narradores midiaticizados é que eles são, resguardadas as características, e cada um a seu modo, em síntese, a soma complementar dos narradores moderno e pós-moderno. Identificamos o narrador moderno nas esquetes do “Porta dos Fundos”, por exemplo, quando estas trazem consigo, ainda que de forma não explícita, lições de moral. É o caso da série “Não importa”, publicada a 6 de fevereiro de 2025, cuja sinopse explica sua razão de ser:

Não importa o que você esteja fazendo, não importa o tema, não importa nenhuma pauta, não importa o cenário, não importa ter conclusões lógicas e importa muito menos ter uma linha de pensamento linear. O que importa é ter o povo, os likes, as visualizações e a monetização do YouTube que paga meu salário. Esse é o Não Importa, que já foi Porta News, virou Tapando Buraco,

⁸ Segundo biografia disponibilizada na plataforma, “Eduardo Bueno é autor da Coleção Brasília, além das obras “Grêmio - Nada Pode Ser Maior”, “Avenida Rio Branco”, “Passado a Limpo”, “Mamonas Assassinas - Blá, Blá, Blá: a Biografia Autorizada”, além dos livros: “Caixa - uma História

Brasileira”, “À Sua Saúde - a Vigilância Sanitária na História do Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/@BuenasIdeias/about>. Acesso em: 14 fev. 2025.

*mas agora não importa. E se você não se importa, fique não se importando aí na sua casa!*⁹

Trata-se, claramente, de uma crítica, senão velada, ácida, ao fato de importar, às redes sociais – e aos programas nela

veiculados, antes a adesão e a consequente monetarização que necessariamente a qualidade do vínculo estabelecido entre plataforma e usuários.

Figura 5 — Não Importa



Fonte: <https://portadosfundos.com.br/videos/nao-importa-01-castelo-de-neve-e-gelo-e-outras-coisas/>.

Eduardo Bueno, no “Buenas Ideias”, faz algo semelhante desde a apresentação do seu canal:

*No canal Buenas Ideias você conhece a história do Brasil como ela de fato foi: algo (mal) feito por gente, com sangue, suor e outros fluidos... Eduardo Bueno te conta tanto o lado trágico como a porção farsesca da história do país – sorte que, às vezes, ela parece uma piada.... e noutras tantas... piada de mau gosto. (Grifo nosso)*¹⁰.

Ou seja, estamos falando, ao nos referirmos aos protagonistas dos programas, de narradores que se posicionam, geralmente de forma crítica, contra o que consideram errado; são, portanto, modernos. Mas, também, colocam-se em cena como observadores do vivido; detentores de um conhecimento que poucos tem, o que os torna, em essência, pós-modernos. O caráter complementar, já o dissemos, é a união, em um mesmo contexto, de ambas as características.

Multifacetados: por serem narradores midiaticizados, são considerados multifacetados; ou seja, têm mais de uma face. Ter mais de uma face significa romper a linearidade discursiva dos dispositivos jornalísticos convencionais – um telejornal, ou programa de rádio, por exemplo, e oferecer outras formas de informação que não as de natureza referencial, apenas. Inclui-se neste contexto, por exemplo, as esquetes do “Portas dos fundos”, que dramatizam momentos da vida real como o episódio “TDHA”¹¹, em que um médico atende um paciente,

visivelmente nervoso, em um consultório e informa a este que não tem problema de saúde algum, muito menos TDHA - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. O que faz o paciente? Ao invés de comemorar, lamenta profundamente não ser portador do transtorno.

Algo semelhante ocorre com Eduardo Bueno, do “Buenas Ideias”. O narrador transforma, livremente, dados históricos em fenômenos midiáticos; ou seja, empresta, aos mesmos, autonomia e persistência, permitindo a geração de historicidade com uma estética semelhante a de um apresentador de televisão, mas de forma descontraída: veste camiseta no lugar de terno e gravata; não raro, óculos escuros. Seus vídeos são gravados, algumas vezes, naquela que parece ser a biblioteca de sua casa; noutras, na sala.

Plurivocais: avoz narrativa do narrador midiaticizado é plurivocal; ora se posiciona como detentor legítimo do conhecimento em questão; ora como testemunha dos fatos; ora fala sério, ora se expressa com deboche e sarcasmo. Não raro, vale-se de imagens que coleta da internet, intercalando as mesmas com suas falas. Assim, em um momento, Eduardo Bueno está falando de si, de suas escolhas – o tema de determinado vídeo, por exemplo, sugerido por quem lhe acompanha – ou tecendo comentários sempre carregados de opiniões e lições de moral sobre livros e programas de televisão. Não há linearidades; seus programas são marcados por complexidades.

⁹ Disponível em: <https://portadosfundos.com.br/videos/nao-importa-01-castelo-de-neve-e-gelo-e-outras-coisas>. Acesso em: 14 fev. 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/@BuenasIdeias/about>. Acesso em: 10 fev. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/0XVb4SEQdAE?si=ZCgqzZhIDtfLuU3I>. Acesso em: 18 fev. 2025.

É o que acontece, por exemplo, no vídeo¹² em que se propõe a contar as origens dos gaúchos, ou seja, das pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, seu estado de origem e local de fala. Ao longo de 21'18, sempre falando diretamente à câmara, e alternando suas imagens com de exemplos que vai citando (livros, programas de televisão, ilustrações etc.), o narrador/apresentador reconta como se originaram os primeiros gaúchos, tendo o cuidado de deixar claro que nem mesmo ele sabe a origem da palavra gaúcho.

Autorreferenciais: outra marca dos narradores midiáticos é o que chamamos de auto referencialidade; ou seja, ao fato de se referirem a si próprios em suas narrativas. Reproduzem, no âmbito do dispositivo, dessa forma, uma operação sistêmica com o intuito de viabilizar suas próprias operações, mas, também, realizam ofertas de sentido distintas das que são usualmente realizadas pelos programas noticiosos, por exemplo. “Porta dos Fundos” faz isso em muitos momentos, como, por exemplo, no vídeo intitulado “O atraso de gregório e outras coisas”¹³, apresentado por Gregorio Duvivier João Vicente de Castro, onde é ironizado, em um diálogo entre os dois, o atraso de Gregorio na gravação do programa.

Um outro exemplo do caráter autorreferencial do narrador midiático, agora no Buenas Ideais, é o episódio “Migrantes brasileiros algemados”¹⁴, que teve, até o momento dessa consulta, 58 mil visualizações e mais de 400 comentários. A abertura do programa é toda ela realizando com Eduardo Bueno lamentando o fato de ter de falar sobre o tema, algo que sugere como sendo “desagradável”. Isso até que, em determinado momento, começa a rir da situação e passa a comemorar sua própria performance como apresentador do programa. “Porque tudo o que eu disse aqui faz o mais absoluto sentido”, assegura olhando para a câmara, o dedo em riste.

Acreditamos que estas características sejam suficientes para identificarmos, pelo viés tipológico, por meio de exemplos, este que estamos chamando de narradores midiáticos. Se pensarmos, no entanto, em termos topológicos, onde se localizam o primeiro, segundo, terceiro e quarto extratos narrativos, ainda que não seja o objetivo deste, veremos que tanto Porta dos Fundos como Buenas ideias se inserem, pelo viés discursivo, tematicamente, no sistema midiático comunicacional; integrando, portanto, igualmente, um quarto extrato narrativo. Isso ocorre, em primeiro lugar, porque os temas tratados por ambos dos dispositivos, quando de sua veiculação, usualmente, estão relacionados com acontecimentos que, em maior ou menor grau, circulam na discursividade midiática quando de sua publicação pelos canais. Ainda que, eventualmente, sejam narrativas de caráter dissonantes – ou seja, que destoam, das demais, em termos de angulação e tonalidade, elas estão alinhadas tematicamente com as narrativas dos demais dispositivos que integram o sistema midiático-comunicacional.

Poder-se-ia afirmar, quem sabe, que não são relatos de natureza jornalística, em especial Porta dos Fundos; no entanto, precisamos lembrar que a condição para que determinada forma de enunciação integre o sistema midiático é fazê-lo, antes, em uma perspectiva de natureza comunicacional, que é,

ao fim, como já alertara Luhmann (2009), a condição para que haja operacionalidade sistêmica, e não necessariamente deontológica, ligada a este ou aquele ofício, ainda que, eventualmente, dialogue com esta condição. Não nos aprofundaremos nessa discussão, ainda que necessária, sob risco de dispersão, e por, como dissemos acima, fugir do escopo de nosso propósito; passemos, no lugar disso, às necessárias considerações interpretativas.

Considerações interpretativas

O artigo se iniciou com uma proposta de atualização, e ampliação, das reflexões que temos realizado ao longo dos anos em torno do conceito de narrador midiático, que sucede, em termos evolutivos, aos narradores moderno e pós-moderno. Nossa premissa central foi traduzida por meio do axioma segundo o qual os dispositivos responsáveis pela midiática também são atingidos pela processualidade desta, midiaticando-se. Ao fazê-lo, reconfiguram-se, transformam-se, provocando, no percurso, a emergências de um narrador midiático.

Feito isso, propusemos pensar o narrador midiático a partir de duas perspectivas: tipológica e topológica. O primeiro caso, ligado à sua tipologia, e que demos maior ênfase, é onde se inserem os conceitos de narrador moderno, pós moderno e midiático; aqui, a visada busca compreender, em essência, sobre a razão primeira de ser do narrador midiático, o que buscamos ilustrar com exemplos existentes na discursividade midiática. Do ponto de vista topológico, sobre o lugar geográfico da discursividade midiática o narrador midiático se encontra. É na perspectiva topológica que vamos localizar os primeiro, segundo, terceiro e quarto narradores, este último antes uma processualidade que um lugar situacional.

O próximo passo foi analisar, nas pistas discursivas deixadas na superfície dos relatos da plataforma YouTube “Porta dos Fundos” e “Buenas ideias”, de forma indiciária, quais as características que nos permitem identifica-los como tal.

Por este viés, os narradores midiáticos são:

1. Narradores conectados em plataformas;
2. Somas complementares dos narradores moderno e pós-moderno;
3. Narradores multifacetados; ou seja, com mais de uma característica identificada;
4. Plurivocais; portanto, detentores de níveis distintos de conhecimento e, finalmente;
5. Autorreferenciais, porque se valem de sentidos gerados a partir de suas próprias operações para forma de fortalecimento de vínculos.

Mais do que características reificantes, ou mesmo compartimentalizantes, do narrador midiático, compreendemos os cinco pontos como sintomas da existência de camadas mais profundas de significação. Compreender o que significam em essência é o desafio que temos pela frente.

¹² Disponível em: <https://youtu.be/yAgLfb-e8sY>. Acesso em: 25 jul. 2023.

¹³ Disponível em: <https://youtu.be/CbA-SsE4QYA?si=3Xj4a6iaO77jPE1n>. Acesso em: 18 fev. 2025.

¹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/tXNqhqtgc?si=Tb4078L8WraStlPm>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Referências

- ASSIS, Francisco; MELO, José. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Unesp, 2010.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- GOMES, Pedro. *Dos meios à mediação*: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.
- FAUSTO, Antonio. (2018). Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma*, 6(2), 08-40. DOI: <https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004>.
- FAUSTO, Antonio. As bordas da circulação. In: Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina. Coloquio del Proyecto "Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. *Anais...* Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.
- FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 182 p.
- LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual metodológico de sistematização. *Intexto*, Porto Alegre, n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019.
- MAZLISH, Bruce. *La cuarta discontinuidad: la coevolución de hombres y máquinas*. Madrid: Alianza, 1995.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora UnB, 2013.
- RECUERO, Raquel. *A rede da desinformação*: sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais. Porto Alegre: Editor Sulina, 2024.
- REIS, Carlos. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Portugal, Coimbra: Almedina, 2018.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. Notas sobre o narrador midiaticizado. In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. *Anais eletrônicos...*, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/notas-sobre-o-narrador-midiaticizado?lang=pt-br>. Acesso em: 07 jan. 2025.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo et al. A emergência das Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs) em uma perspectiva sistêmico discursiva. *Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, [S. l.], v. 1, n. 3, set. 2019a. ISSN 2675-4169. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticacao-resumos/article/view/881>. Acesso em: 1 out. 2022.
- SOSTER, Demétrio De Azeredo et al. Os circuitos múltiplos e as Zonas Intermediárias de Circulação. *Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, [S. l.], v. 1, n. 2, set. 2019b. ISSN 2675-4169. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticacao-resumos/article/view/1001>. Acesso em: 1 out. 2022.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo Soster. *O jornalismo em novos territórios conceituais*: internet, midiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. Midiatização: a terceira descontinuidade do jornalismo. *Anais*. VI Congresso da SBPJOR. Associação Brasileira de pesquisadores em Jornalismo. São Bernardo do Campo: 2008.
- VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: *Matrizes*, vol.8, n.1, São Paulo: ECA/USP, 2014.
- VERÓN, Eliseo. *La semiosis 2: ideas, momentos, interpretantes*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

Artigo submetido em 20/07/2025
Aceito em 18/12/2025